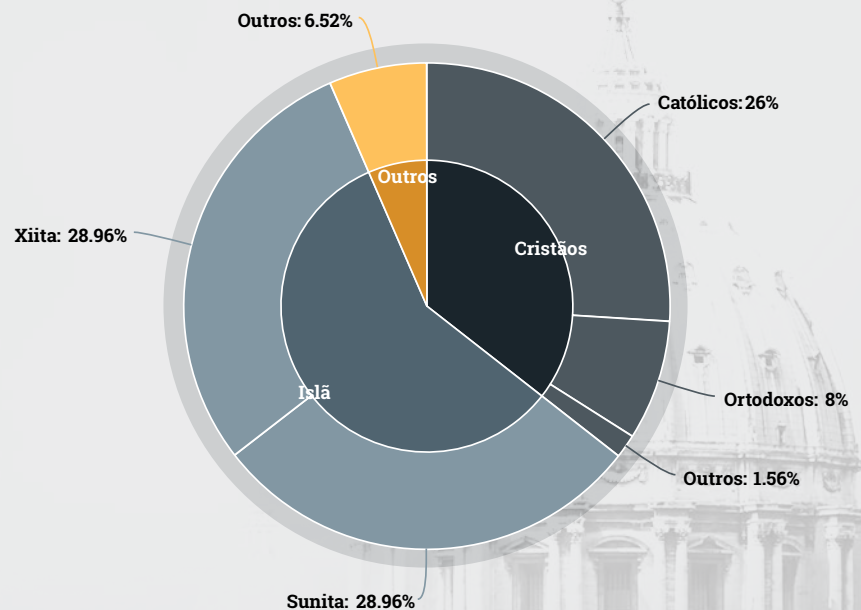


Líbano



DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

O Líbano é uma república localizada no Levante, no leste do Mediterrâneo, com cerca de 4,3 milhões de cidadãos. O último recenseamento oficial foi realizado em 1932 e, por isso, não há estimativas oficiais precisas da demografia religiosa do país. De acordo com as estimativas, os não cristãos incluem mais de metade dos cidadãos do Líbano. Os maiores grupos são muçulmanos sunitas e xiitas.

O Líbano tem a porcentagem mais elevada de cidadãos cristãos no mundo árabe. Calcula-se que os cristãos constituam cerca de 35% dos cidadãos. Há dezoito comunidades religiosas registradas oficialmente. O maior grupo cristão é a Igreja Maronita. Há também uma minoria drusa. Na cidade de Trípoli, especificamente, há uma minoria alauíta. Além disso, há um número muito reduzido de judeus.

Devido à entrada em massa de refugiados sírios, calcula-se que a população conte com 5,8 milhões de habitantes. A maior parte dos refugiados são muçulmanos sunitas. Mas dezenas de milhares de cristãos sírios e iraquianos procuraram igualmente refúgio no Líbano. Não há números exatos, pois uma parte substancial dos refugiados não estão registrados junto das Nações Unidas.

Aproximadamente 450 mil palestinos estão registrados na Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados (UNRWA). São quase na totalidade muçulmanos sunitas.

O Líbano é uma república parlamentar sem religião oficial, mas formalmente não é um estado secular. O sistema político confessional atribui as nomeações públicas mais elevadas às várias comunidades, de acordo com critérios bem definidos: a presidência da república cabe a um cristão maronita, a presidência do Conselho de Ministros cabe a um muçulmano sunita e a presidência do Parlamento cabe a um muçulmano xiita. As comunidades religiosas são representadas no Parlamento de acordo com quotas fixas.

A Constituição do Líbano^[1] prevê a liberdade religiosa. De acordo com o artigo 7º, todos os Libaneses são iguais perante a lei. O artigo 9 afirma que deverá haver total liberdade de consciência: “O Estado, ao prestar homenagem a Deus Todo Poderoso, deverá respeitar todas as religiões e credos, e deverá garantir, sob a sua proteção, o exercício livre de todos os ritos religiosos, desde que a ordem pública não seja perturbada. O Estado deverá também garantir que o estatuto pessoal e os interesses religiosos da população, seja qual for a religião a que eles pertençam, será respeitado.”

O artigo 10º diz: “A educação deverá ser livre, desde que não seja contrária à ordem e à moral pública e não afete a dignidade de qualquer das religiões ou seitas. Não haverá violação do direito das comunidades religiosas a terem as suas próprias

[1] <http://www.presidency.gov.lb/English/LebaneseSystem/Documents/Lebanese%20Constitution.pdf>

escolas, desde que estas sigam as normas gerais emitidas pelo Estado para regulamentar a instrução pública.”

O Código Penal Libanês pune os indivíduos que desempenhem atos que sejam considerados blasfemos para o nome de Deus. E também impõe penas contra os indivíduos que insultem os procedimentos religiosos de qualquer religião.^[2] A conversão de uma religião a outra é legal, mas pode enfrentar forte resistência social. As atividades missionárias e de proselitismo são autorizadas.

A igualdade de todos é respeitada, mas num quadro confessional e não individual. O direito privado (casamento, parentesco, herança) recai sob a jurisdição de cada uma das dezoito comunidades religiosas reconhecidas pelo Estado (doze cristãs, cinco muçulmanas e uma judaica). Estas comunidades religiosas possuem as suas próprias jurisdições e gerem as suas próprias organizações de assistência social e instituições educativas. Algumas outras comunidades religiosas no Líbano (Yazidis, Bahá'ís, Budistas e Testemunhas de Jeová) não são legalmente reconhecidas e por isso não têm direitos enquanto grupos institucionais. No entanto, os membros destes grupos estão autorizados a realizar os seus ritos religiosos de forma livre. Os membros das comunidades religiosas não reconhecidas e os que não têm religião podem realizar um matrimônio civil no estrangeiro, depois do qual a sua união é então validada no Líbano. Mas, neste caso, o direito aplicável ao seu casamento e aos efeitos deste é o direito do país onde o casamento civil foi celebrado.

INCIDENTES

No início de 2014, islamitas realizaram ataques com granadas a alguns restaurantes e cafés em Trípoli que permaneceram abertos e serviram alimentos e bebidas durante as horas de jejum do Ramadã. Foram detidos quatro suspeitos. Antes do Ramadã, o presidente da Câmara de Trípoli, Nader Ghazzal, tinha solicitado que os restaurantes e cafés encerrassem durante as horas de jejum, mas após os ataques referiu que o seu pedido não era sustentado na lei nem era obrigatório. A imprensa reportou em agosto de 2014 que vários islamitas visitaram joalherias em Trípoli, exigiram que os donos deixassem de vender joias com ícones cristãos e retiraram peças existentes em exposição, ameaçando os que continuassem vendendo esses itens. Agressores desconhecidos picharam com ameaças contra cristãos em duas igrejas em Trípoli, em 1 de setembro. As mensagens diziam: “O Estado Islâmico vai partir a cruz” e “Viemos para vos abater, adoradores da cruz.” Estes incidentes foram alegadamente (e amplamente entendidos como sendo) realizados em retaliação pela queima de bandeiras do grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) e da Al-Nusra pela juventude na Praça Sassine, em Achrafieh, Beirute, em 30 de agosto.^[3]

[2] <http://www.loc.gov/law/help/apostasy/>

[3] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

Em setembro de 2014, o novo Mufti sunita da República do Líbano, Xequê Abdel Latif Deria, que tinha sido eleito em agosto, assumiu as suas responsabilidades. Numa demonstração sem precedentes da unidade interseccional, os líderes políticos e religiosos de todos os principais grupos religiosos de todo o Líbano participaram na cerimônia de tomada de posse de Deria. Os seus primeiros discursos após a eleição condenaram explicitamente o conflito entre xiitas e sunitas, que caracterizou como contribuindo para a carnificina e a desestabilização em todo Oriente Médio: “As relações entre muçulmanos xiitas e sunitas no Líbano não são o que deviam ser... O que estamos fazendo uns aos outros na Síria, no Iraque e no Líbano, no Líbano e na Líbia, é muito pior do que o que os Israelitas fizeram em Gaza e na Palestina”. O novo Mufti também chamou a atenção para o desenraizamento forçado de cristãos locais e de outras comunidades minoritárias: “Em menos de cinco anos, as guerras entre nós mataram meio milhão de pessoas e deixaram 12 milhões deslocados, não contando com a opressão e o desenraizamento de cristãos e outras comunidades. Estes fenômenos devem ser combatidos dia após dia.”^[4]

Em janeiro de 2015, um ataque suicida na cidade de Trípoli, no norte do Líbano, matou pelo menos sete pessoas. A Frente Al-Nusra, filiado sírio da Al-Qaeda, disse que estava por detrás do ataque, que também feriu trinta pessoas. Foi atacado um café num bairro predominantemente alauíta. No passado houve tensões entre a população maioritariamente sunita de Trípoli e a sua minoria alauíta. A Agência Nacional de Notícias do Líbano disse que o ataque foi realizado por dois homens de Trípoli, com as tensões religiosas de longa data a serem exacerbadas pela guerra na vizinha Síria. Numa declaração, a Frente Al-Nusra afirmou que o ataque era “uma vingança pelos sunitas na Síria e no Líbano”. A guerra na Síria colocou o Governo do presidente Bashar al-Assad, um alauíta, contra uma insurgência dominada por sunitas. Em outubro de 2014, os combates tiveram início em Trípoli entre militantes sunitas e tropas governamentais, matando onze soldados, cinco civis e cerca de doze militantes. O primeiro-ministro Tammam Salam disse que o bombardeio foi “uma tentativa de espalhar as sementes da discórdia” em Trípoli, mas insistiu que isso não iria “enfraquecer a determinação do Estado para confrontar o terrorismo e os terroristas”. A segurança do Líbano foi gravemente prejudicada pela crise na Síria.^[5]

Os bispos locais afirmaram que as tensões religiosas tinham se agravado pelo influxo de refugiados. Segundo o Arcebispo maronita Simon Atallah, de Deir Al Ahmar, em conversa com a ACN (Ajuda à Igreja que Sofre), em março de 2015, em casos individuais, os muçulmanos da Síria, em especial os sunitas, profanaram símbolos cristãos em atos de blasfêmia. “Eles profanam cruzeiros, estátuas da Virgem Maria, e por aí em diante. Foram também pintados slogans anticristãos em muros. Isto leva a tensões na região”, disse o Arcebispo.

[4] http://www.fides.org/en/news/36348-ASIA_LEBANON_New_Mufti_installed_a_man_of_dialogue#.Vym3gp3wCM8

[5] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-30765820>

Uma outra preocupação é a importação de problemas de segurança causados por extremistas sunitas da Síria que encontraram abrigo entre os seus correligionários no Líbano. “Os xiitas libaneses são a favor do regime sírio, mas os sunitas estão do lado do grupo Estado Islâmico (EI). Na região onde eu trabalho há algumas aldeias sunitas, como por exemplo Arsal e outras. Os sunitas criam um ambiente propício para o EI. Os membros do EI podem por isso penetrar na região e encontrar abrigo entre os sunitas”, acrescentou o Arcebispo Attallah.^[6]

Em agosto de 2015, Makassed, uma associação filantrópica sunita próxima de Dar el-Fatwa, a mais alta autoridade sunita do Líbano, emitiu a Declaração de Beirute sobre a Liberdade Religiosa. Na declaração, com data de 20 de junho, o grupo sunita reiterou a posição islâmica moderada, afirmando o desejo de que os Muçulmanos vivam em paz lado a lado com os Cristãos, referindo que ninguém pode ser forçado a converter-se ou a ser perseguido por ter crenças religiosas diferentes. A declaração afirmava: “Ninguém tem o direito de fazer uma guerra contra alguém por causa das suas crenças ou contra uma pessoa ou uma comunidade para os levar a abandonar as suas casas, ou privá-los da sua terra”.^[7]

Um duplo bombardeamento suicida em Beirute, em novembro de 2015, matou quarenta e três pessoas e feriu 239. O EI reivindicou a responsabilidade. O alvo eram os xiitas “apóstatas” e o Hezbollah, que apoiam militarmente o presidente sírio Bashar Assad. De acordo com a polícia, um homem bomba com um cinto de explosivos se explodiu numa zona comercial. Minutos mais tarde, outro radical suicida se explodiu, levando a mais mortos e feridos. O corpo de um terceiro candidato a homem bomba não conseguiu detonar o seu cinto de explosivos e foi encontrado morto. O Hezbollah pôs-se em campo, em apoio ao presidente al-Assad em 2013, obtendo sucessos militares significativos. Entre julho de 2013 e fevereiro de 2014, houve pelo menos nove ataques a lugares do Hezbollah.

Em dezembro de 2015, o Bispo maronita Hanna Alwan foi abordado e apontaram uma arma para ele, enquanto viajava da Sé Patriarcal maronita em Diman (norte do Líbano) para Deir el-Ahmar, perto da Passagem de Ainata. Um criminoso conhecido, Mohammad Dourra, pediu ao bispo que o Patriarca Bechara Boutros Rai intercedesse junto das autoridades para libertar a sua mulher, que está detida em ligação com um sequestro. O Bispo Hanna Rahme de Deir el-Ahmar disse que Dourra ameaçou sequestrar cristãos no Vale de Bekaa se a sua mulher não fosse libertada no prazo de duas horas. O bispo disse: “A anarquia está no auge. O Estado deixou de existir. Isto é o fim de tudo. As estradas já não são seguras e as nossas vidas estão em perigo.” Em resposta à tribo de Jaafar, a que Dourra pertence, denunciou a sua “agressão e ameaças” e tentou tranquilizar os cristãos, garantindo-lhes que era seguro viajar na região.^[8]

[6] <http://members4.boardhost.com/acnaus/msg/1440022026.html>

[7] <http://www.asianews.it/news-en/Muslims-defend-Christians'-freedom-in-Beirut-Declaration-35135.html>

[8] <http://www.asianews.it/news-en/Maronite-bishop-stopped-at-gunpoint-in-a->

Em fevereiro de 2016, os bispos maronitas expressaram a preocupação de que os cristãos estavam sendo discriminados no acesso a cargos públicos e recursos financeiros estatais. A sua preocupação surgiu durante o encontro mensal da Assembleia de Bispos Maronitas sob a presidência do Patriarca Rai. De acordo com os bispos, a presença cristã em funções estatais tem sido silenciosamente erodida ao longo dos anos, para beneficiar muçulmanos xiitas e sunitas. Os cristãos estão alegadamente sub-representados no Ministério das Finanças e, de acordo com uma investigação jornalística, apenas 27 por cento dos projetos recentemente implementados pelo Ministério das Obras Públicas teve impacto nas áreas habitadas por cristãos. Os bispos maronitas apelaram aos políticos e às instituições para que cumpram o artigo 95 da Constituição, que afirma que as diferentes comunidades religiosas devem ser “representadas de forma igual na administração pública”. Preocupações semelhantes foram também expressas pela Igreja Greco-Católica Melquita.^[9]

Em abril de 2016, dois combatentes do EI, incluindo Nayef Shaalan (também conhecido como Abu Fouz), um líder da organização extremista, foram mortos no Líbano quando o exército entrou em confrontos com o grupo nos arredores de Arsal, onde estavam sediados membros do grupo islamita. Um terceiro homem, o sírio Moustafa Mousalli, foi detido. “Os terroristas atacados tinham participado em combates contra o exército em 2014, e são responsáveis por colocarem armadilhas em vários carros e causar explosões que atacaram postos do exército e civis em Arsal e nos seus arredores”, disse um representante do exército libanês. Arsal tinha sido uma base da Frente Al-Nusra e do grupo Estado Islâmico durante quase dois anos, desde que os grupos tinham raptado 30 membros das forças de segurança libanesas na cidade em agosto de 2014. Os extremistas usaram os seus presos para garantir a liberdade de movimentos em Arsal e na região vizinha.^[10]

country-where-anarchy-reigns-35027.html

[9] http://www.fides.org/en/news/59345-ASIA_LEBANON_Lebanese_Churches_concerned_about_religious_discrimination_with_regards_to_access_to_functions_and_public_resources#.Vxt9jZ3wCM8

[10] <http://www.ibtimes.com/isis-leader-security-official-killed-lebanese-army-raid-2361146>

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

O Arcebispo maronita Simon Attallah receia pelo futuro dos cristãos do Líbano, por causa da mudança no equilíbrio demográfico do país, devido ao grande número de refugiados sírios. O antigo Arcebispo maronita de Baalbek-Deir Al Ahmar descreveu as suas preocupações durante uma entrevista à Ajuda à Igreja que Sofre em março de 2015. “Temos dois milhões de sírios no país como refugiados. Muitos vão regressar à sua pátria quando a guerra terminar. Mas muitos refugiados vão permanecer no país e se candidatar para obter a cidadania libanesa daqui a dez anos. O que é que vai ser de nós, cristãos, nessa altura?”, perguntou o Arcebispo Attallah. “O Líbano está marcado por uma composição religiosa muito delicada. Os sírios que vão permanecer no país são maioritariamente sunitas. E o equilíbrio religioso vai assim ser destruído. Isso é um problema para nós.” O Arcebispo Attallah acrescentou que os seus comentários não devem ser confundidos com falta de solidariedade para com os refugiados. “Mostramos muita solidariedade. Queremos agir em solidariedade. Mas temos óbvios problemas perante os nossos olhos. Há um ponto de interrogação sobre o nosso futuro.”^[11] Em geral, os problemas das seitas existentes no país estão sob constante pressão.

[11] <http://members4.boardhost.com/acnaus/msg/1440022026.html>